

A RELAÇÃO DE ALTERIDADE ENTRE AS PERSONAGENS DE A METAMORFOSE*

The Relationship of Alterity/Otherness between the Characters of *The Metamorphosis*

Juciane dos Santos Cavalheiro**

Resumo: Este artigo apresenta uma análise enunciativa da obra *A Metamorfose* (1912), de Franz Kafka (1883-1924), a fim de contemplar a constituição da subjetividade da personagem-protagonista Gregor Samsa. Na teoria da enunciação de Émile Benveniste, encontra-se suporte teórico-metodológico para o desenvolvimento do trabalho. Para a realização da análise, leva-se em conta formulações benvenistianas sobre o sistema triádico (eu-tu-ele) através do qual a língua é posta em ato na enunciação. Examina-se a movimentação de Gregor no espaço enunciativo a partir da mensagem que recebe da família ao vê-lo metamorfoseado.

Palavras-chave: enunciação – subjetividade – alteridade – prosa literária.

Abstract: This article presents an enunciative analysis of the Franz Kafka (1883-1924) work *the Metamorphosis* (1912), in order to make considerations concerning the constitution of the subjectivity of the personage-protagonist Gregor Samsa. I find methodological and theoretical support for the development of this work in the enunciation theory of Émile Benveniste. For the accomplishment of the analysis, one takes in account the benvenistian's formularizations on the triadic system (I-you-we), through which the language is act in the enunciation. Here is examined the action of Gregor in the enunciative space, in response to the message he receives from the family when they observe he's metamorphoses process.

Key-words: enunciation - subjectivity – alterity/otherness - literature.

Considerações iniciais

O lingüista torna-se parte integrante de um diálogo no qual seu

* Este artigo constitui-se da síntese de um capítulo da minha Dissertação de Mestrado, citada nas referências bibliográficas.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPB

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

*interlocutor é o texto, sua capacidade para formalizar tal relação se soma ao conhecimento apurado das situações, para constituir um conjunto de sustentações recíprocas que ampliam consideravelmente a contribuição que ele é capaz de proporcionar à prática pluridisciplinar.*¹

O campo de estudos da linguagem em que inscrevo este trabalho é o da lingüística da enunciação. Ela se caracteriza por uma abordagem do fenômeno enunciativo na linguagem desde um ponto de vista que considera o sujeito que enuncia, o que permite a inclusão de reflexões relativas à (inter)subjetividade em uma obra literária.

Benveniste funda uma nova forma de ver o processo da enunciação, ou seja, ele vê a indissociabilidade do sujeito com a linguagem, sendo que essa relação determina a enunciação e marca a presença do sujeito no enunciado produzido. Para o lingüista, o indivíduo constrói a sua subjetividade numa relação dialética com o interlocutor – o tu, *na e pela* linguagem.

Embora Benveniste não desenvolva um “modelo”, encontro suporte teórico-metodológico para o desenvolvimento da análise, ou melhor, derivo de sua teoria indicações de procedimentos de análise compatíveis com o objetivo de meu trabalho, qual seja, analisar a relação de alteridade entre as personagens de *A Metamorfose*², a partir da tríade pronominal benvenistiana.

1. Os constituintes da enunciação

Benveniste, em texto de 1958³, expõe que as formas lingüísticas "eu/tu" indicam a pessoa. O “eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor”

¹ FAÏTA, 2002, p. 55.

² Nas referências às citações da obra *A Metamorfose* (1912), constarão somente a página em que foram retiradas. Todos os enunciados da obra constam da tradução brasileira de Modesto Carone, editada pela Companhia das Letras, 2004.

³ Da subjetividade na linguagem em *Problemas de Lingüística Geral I*.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

(2005, p. 288), “eu” só é possível de ser identificado numa instância de discurso. O “tu” é a pessoa a qual o “eu” se dirige numa relação dialética. Quanto ao pronome pessoal de 3ª pessoa – o “ele”, Benveniste, nesse artigo, afirma que esse pronome “não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação” (ibid., p. 292). Mas não deixa de observar que essa “não-pessoa” tem existência e somente se caracteriza “por oposição à pessoa ‘eu’ do locutor que, enunciando-a, a situa como não-pessoa. Esse é seu status. A forma ‘ele’ tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’” (ibid., p. 292).

Em texto de 1968⁴, Benveniste coloca o problema da intersubjetividade/alteridade no nível da língua. A linguagem coloca e supõe o outro, porque o indivíduo ao falar, dirige a sua fala para um “tu”. Esse “tu”, também passa a ser um “eu”, no momento da alocação. Sendo assim, “cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros” (1989, p. 101).

Em artigo de 1970⁵, Benveniste define a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989, p. 82). O objetivo de Benveniste é definir “a enunciação no quadro formal de sua realização”, a fim de verificar, dentro do sistema, “os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza”. Para realizar tal objetivo, o lingüista observa três pontos na enunciação: “o próprio ato; as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização” (ibid., p. 83).

O primeiro ponto está relacionado ao ato individual do locutor. Esse ato ocorre no momento em que o indivíduo se apropria da língua e enuncia para um outro. Apropriar-se da língua significa determinar referência⁶, dar sentido a esse ato que “introduz aquele que fala em sua fala” (ibid., p. 84). Benveniste aponta os “pronomes pessoais” e os “demonstrativos” como as formas que remetem aos indivíduos, em oposição às formas nominais que indicam apenas conceitos. Nesse artigo, é retomada a noção de subjetividade que está explicitamente

⁴ Estrutura da linguagem e estrutura da sociedade em *Problemas de Lingüística Geral II*.

⁵ O aparelho formal da enunciação em *Problemas de Lingüística Geral II*.

⁶ Isto é, determinar espaço, tempo e pessoa.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

relacionada à relação "eu/tu" “que não se produz senão na e pela enunciação: o termo eu denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo tu, o indivíduo que aí está presente como alocutário” (ibid., p. 85).

Entre o "eu" e o "tu" há uma relação de reversibilidade. O "tu" pode sempre se tornar um "eu" que então designará o outro como "tu". Há, portanto, um "eu" que enuncia e o faz dirigindo-se para alguém que ele designa como seu interlocutor – o "tu". "Eu" fala a um "tu" de alguém ou de alguma coisa – o "ele". O "ele" não enuncia, porque “está na posição do ausente, isto é, daquele que, numa dada enunciação não está designado para participar do diálogo nem para tomar a palavra” (AMORIM, 2001: 98). Designar alguém/algo como "ele" significa sempre falar em seu lugar. Os termos "pessoa" e "não-pessoa" devem ser entendidos “como posições enunciativas – aquele que está em posição de falar e aquele que, em princípio, não está em posição de falar – (...)” (ibid., p. 99).

O “aparelho formal da enunciação” é relevante para este estudo, porque é a partir dele que é possível visualizar o funcionamento das instâncias enunciativas no plano literário. Partirei do nível mais geral da enunciação e seus constituintes de base, tais como foram formulados por Benveniste para a linguagem cotidiana, para repensar a questão no âmbito do texto literário.

As instâncias discursivas estudadas por Benveniste, o “eu”, o “tu” e o “ele”, na linguagem ordinária, apresentam a alteridade no plano lingüístico. O “eu” somente enuncia-se para um “tu”. Além disso, presumem o “ele” que está ausente, mas faz parte da enunciação. O “eu” (subjeto) e o “tu” (não-subjeto) são as pessoas discursivas numa determinada situação, podendo ser reversíveis. O “ele” (objeto) é a não-pessoa discursiva, mas faz parte da enunciação, porque é resultante das falas do “eu” e do “tu”.

De que modo o estudo benvenistiano dos pronomes pode contribuir para o propósito de ver no texto literário algo que concerne ao sujeito?

Dufour (2000) indica o caminho quando observa que a descrição benvenistianiana dos pronomes transcende ao aspecto lingüístico *stricto senso*, vindo mostrar o que é posto em jogo quando a língua é falada. Para o autor (ibid., p. 69), o prisma formado pelo conjunto “eu”, “tu” e “ele” funciona, de certo modo, como um dispositivo da língua “que inscreve sempre em seus lugares o alocutário. Graças a esse

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

dispositivo, o “eu” se salva da loucura unária” e entra no campo da linguagem, e dirige-se a um “tu” que lhe dá a garantia da própria existência.

Dufour (ibid., p. 70) destaca que Benveniste “foi um dos raros a terem empreendido a descrição sistemática desse singular dispositivo intralingüístico”, de que cada um deve necessariamente se apropriar para falar. Na análise, busco descrever o espaço simbólico das personagens pelo modo como o dispositivo dos pronomes os organiza e distribui como falantes no decorrer do espaço da fala.

2. O lugar na enunciação

Conforme Benveniste indica em artigo de 70, a enunciação escrita se situa duplamente: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (1989, p. 90). Centro minha atenção ao plano do universo ficcional. Analisarei as relações de alteridade entre Gregor e as personagens, a partir da análise benvenistiana dos pronomes pessoais.

O intercâmbio e as relações de alteridade são definidos, em termos lingüísticos, por um conjunto de três pessoas: o “eu”, o “tu” e o “ele”. Assim, a subjetividade, em Benveniste, não pode ser conhecida em si mesma, mas em relação com o outro. É essa relação de intersubjetividade que será contemplada na análise da obra em questão.

Como o dispositivo dos pronomes organiza e distribui as personagens de *A Metamorfose* como falantes no decorrer do tempo da fala? Conforme Dufour (2000, p. 72-3), Benveniste formula o conjunto trinitário dos pronomes pessoais e depois divide esse conjunto em dois subconjuntos binários: “por um lado, ele analisa a díade formada por ‘eu’ e ‘tu’; por outro, em seguida, coloca ‘eu’ e ‘tu’ juntos de um lado e ‘ele’ de outro”. Com relação à díade “eu”–“tu”, ela comporta reversibilidade. Seguindo a interpretação de que, através dessa minuciosa descrição lingüística da categoria dos pronomes, Benveniste diz algo para além, trago a pergunta feita por Dufour (ibid., p. 73): “O que se troca nessa inversão?”. Naturalmente, trocam-se conteúdos e informações, mas isso não é o essencial. Antes de tudo, o que se troca é o lugar “eu”, imediatamente transferido àquele que denomino “tu”. Pela reversibilidade, garantimos um lugar simbólico,

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

autenticamos nossa posição de sujeito.

“Eu” e “tu” são signos vazios, não referenciais em relação à realidade, diz Dufour (ibid., p. 74), alertando para o fato de que sua referência só vale por um tempo de discurso dado, durante o qual um alocutário dado assume a forma “eu” diante de “tu”. Passado esse limite, quando o outro diz “eu”, não se trata mais de mim.

O que pode acontecer se não ocuparmos mais a concha vazia do “eu”? E se não formos reconhecidos como “tu”?

Minha análise procura acompanhar a trajetória de Gregor através do dispositivo dos pronomes que inscrevem sempre em seus lugares os sujeitos do discurso.

2.1 Relação intersubjetiva: “eu” – “tu”

A análise dessas duas instâncias enunciativas será sustentada pela leitura que Dufour⁷ faz da teoria benvenistiana. Embora minha ênfase, na relação “eu” – “tu”, centre-se ao grupo denominado de “categoria de pessoa”, não desconheço que no ato de qualquer enunciado faça-se presente a “não-pessoa”. Passo a observar a relação de alteridade entre Gregor Samsa e as demais personagens da obra.

A obra inicia com uma irrupção do cotidiano, um caixeiro viajante acorda, após uma noite agitada, transformado em um inseto: “– Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” (p. 7). De início, não há uma descrição de sua vida anterior, a única informação acerca de sua vida é que ele é “um caixeiro viajante” (p. 7) que vive com seus pais, a irmã e uma empregada – é verificável que há uma estrutura familiar, portanto há uma rotina de um grupo social. Isso pode ser verificado na manhã em que Gregor atrasa-se para o trabalho, há uma certa “preocupação” por parte dos familiares e do gerente. O primeiro diálogo dá-se entre a mãe e Gregor: “– Gregor – chamaram; era a mãe. – É um quarto para as sete. Você não queria partir?” (p. 11).

⁷ No dizer de Dufour (2000: 71), a teoria de Benveniste não disserta sobre a forma trinitária, é “como se essas definições fossem tão evidentes que não tivessem necessidade alguma de ser desenvolvidas ou mesmo nomeadas”.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

E Gregor responde: “– Sim, sim, obrigado, mãe, já vou me levantar” (p. 11). Depois o pai: “– Gregor, Gregor – chamou. – O que está acontecendo?” (p. 11). Em seguida a irmã: “– Gregor? Você não está bem? Precisa de alguma coisa?” (p. 11).

Gregor responde ao pai e a irmã: “– Já estou pronto, e através da pronúncia mais cuidadosa e da introdução de longas pausas entre as palavras se esforçou para retirar à sua voz tudo que chamasse a atenção” (p. 11-2).

A irmã tenta mais uma vez: “– Gregor, abra, eu suplico” (p. 12).

Neste momento surge, na narrativa, uma forma específica de intersubjetividade que se caracteriza pelo diálogo da personagem com a sua consciência. Gregor não responde ao outro, mas fala consigo mesmo como se fosse outro. Gregor desdobra-se ele próprio em ‘eu’ e ‘tu’: “– Não fique inutilmente aí na cama” (p. 13); “– Sete horas já” (p. 14); “– Antes de soar sete e um quarto preciso de qualquer modo ter deixado completamente a cama” (p. 14); “– É alguém da firma” (p. 15); “– Eles não vão abrir” (p. 15).

Novamente a irmã tenta um diálogo com o irmão: “– Gregor, o gerente está aí” (p. 17).

Gregor limita-se a responder a si mesmo: “– Eu sei” (p. 17).

Novas tentativas de diálogo, primeiro o pai reenfaziza a informação que a irmã já lhe dera:

– (...) o senhor gerente chegou e quer saber por que você não partiu no trem de hoje cedo. Não sabemos o que devemos dizer a ele. Aliás, ele também quer falar pessoalmente com você. Faça portanto o favor de abrir a porta. Ele terá a bondade de desculpar a desarrumação do quarto (KAFKA, 2004, p. 17).

Em seguida, o próprio gerente tenta interagir com Gregor: “– Bom dia, senhor Samsa” (p.17).

A mãe, para apaziguar o gerente diante da falta de resposta do filho, dirige-se a ele falando: “– Ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. Senão como Gregor perderia um trem?” (p. 17).

Gregor, finalmente, responde: “– Já vou” (p. 18).

Mas parece que seus interlocutores não escutam, pois o gerente

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

responde à mãe de Gregor: “– De outro modo, cara senhora, (...) também não sei como explicar isso” (p. 18).

Após minutos de omissão do pai, este decide pronunciar-se: “– O senhor gerente pode, então, entrar no seu quarto?” (p. 18).

Gregor responde rapidamente: “– Não” (p.18).

Parece que desta vez escutaram, pois do outro lado das portas o silêncio fez-se presente. Porém, ele não durou muito tempo, e impiedosamente o gerente manifesta-se:

– Senhor Samsa – bradou então o gerente, elevando a voz –, o que está acontecendo? O senhor se entrincheira no seu quarto, responde somente sim ou não, causa preocupações sérias e desnecessárias aos seus pais e descursa – para mencionar isso apenas de passagem – seus deveres funcionais de uma maneira realmente inaudita. Falo aqui em nome de seus pais e do seu chefe e peço-lhe com toda a seriedade uma explicação imediata e clara. Estou perplexo, estou perplexo. Acreditava conhecê-lo como um homem calmo e sensato e agora o senhor parece querer de repente começar a ostentar estranhos caprichos (...) (KAFKA, 2004, p. 19).

Sem pensar direito, Gregor manifesta-se com um longo discurso:

– Mas, senhor gerente – exclamou Gregor fora de si, esquecendo tudo o mais na excitação –, eu abro já, num instante. Um ligeiro mal-estar, um acesso de tontura, impediram-me de me levantar. Ainda estou deitado na cama. Mas agora me sinto novamente bem-disposto. Já estou saindo da cama. Só um instantezinho de paciência! (...) Como é que uma coisa assim pode acometer um homem? (...) (KAFKA, 2004, p. 20).

A resposta ocorre de forma indireta. No papel do “eu”, o gerente responde com uma atitude: o silêncio, em consequência do estranhamento diante da voz de “tu”/Gregor. Nesse momento, prenuncia-se a ruptura da interlocução, mas ainda o silêncio constitui-se numa resposta. O gerente comenta com os pais de Gregor a

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

estranha voz que escutaram: “– Era uma voz de animal – disse o gerente, em voz sensivelmente mais baixa, comparada com os gritos da mãe” (p. 21-2).

Ao reconhecer no seu interlocutor o estranhamento causado pela qualidade alterada da sua expressão falada, Gregor retorna ao diálogo com a sua consciência objetivando encontrar um modo de restabelecer a interação com seus interlocutores: “– Aí, Gregor! – deveriam chamar. – Sempre em frente, firme na fechadura!” (p. 23).

Para que haja a reversibilidade, além da aceitação das premissas informativas do discurso proferido por “eu”, o “tu” deve identificar-se com elas, além disso, são essas premissas aceitas que irão informar seu próprio discurso, ou seja, “o par dos dois primeiros pronomes pessoais da tríade é um dispositivo de troca e de gestão dos efeitos da realização auto-referencial de eu” (DUFOR, 2000, p. 74). Caso não ocorra essa troca, a reversibilidade está fadada a ser encerrada. Nestas primeiras cenas enunciativas, ocorre a reversibilidade entre as personagens, porém, ela somente é possível por causa de um núcleo significativo – a porta. É ela quem permite a relação intersubjetiva nos enunciados expostos acima. Vejamos a seguir, o que acontece quando esse núcleo significativo é aberto.

Um dos momentos mais impactantes da novela é o momento da abertura da porta. O que era inquietação, vira espanto e horror. O jogo de olhares da família mapeia e redistribui o lugar de Gregor. Nesse lance de olhar, produz-se o estranhamento. Gregor passa a representar a dimensão do estranho e do sinistro.

Após a abertura da porta, Gregor recebe dos outros a mensagem de que não é “normal”. É a partir deste momento que se inicia uma forma/ordem de interação em que a palavra perde espaço e passa a intensificar-se o uso dos gestos/atitudes e olhares.

Primeiro Gregor ouviu o gerente “soltar um ‘oh’ alto – soava como o vento que zune – e então Gregor o viu também: era o mais próximo da porta e comprimia a mão sobre a boca, enquanto recuava devagar, como se o impelisse uma força invisível que continuasse agindo de modo constante” (p. 24).

Em seguida, a mãe “caiu no meio das saias que se espalhavam ao seu redor, o rosto totalmente afundado no peito” (p. 24).

O pai “cerrou o punho com expressão hostil, como se quisesse fazer Gregor recuar para dentro do quarto, depois olhou em volta de

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

si, inseguro, na sala de estar, em seguida cobriu os olhos com as mãos e chorou a ponto de sacudir o peito poderoso” (p. 24).

Gregor ainda tenta um diálogo, mas a reversibilidade lhe é negada e desse modo a sua condição de sujeito do discurso começa a diluir-se: “– Bem – disse Gregor, consciente de que era o único que havia conservado a calma –, vou logo me vestir, pôr o mostruário na mala e partir de viagem. Vocês querem mesmo me fazer partir?” (p. 25).

A mãe ao despertar grita: “– Socorro! Pelo amor de Deus, socorro!” (p. 28).

Gregor ainda tenta interagir com ela: “– Mamãe! Mamãe! – disse Gregor baixinho e olhou para ela de baixo para cima” (p. 28).

A voz de Gregor sai baixinha, ninguém mais lhe dá ouvidos, e assim vai perdendo o direito à pessoalidade. O último ato ocorre quando o pai: “desferiu, por trás, um golpe agora de fato possante liberador e ele voou, sangrando violentamente, bem para dentro do seu quarto” (p. 31).

A constatação de Dufour (2000, p. 79) é esclarecedora: “basta que o outro faça obstáculo ao meu proferir para que este se esvazie, de imediato, da substância que se havia agregado, no ato, à concha e permaneça apenas pura fonação desprovida de eficácia”. Isso ocorre pelo fato do outro (pais, irmã e gerente) não reconhecerem a Gregor um lugar. Sigo com o raciocínio de Dufour (ibid., p. 84):

E se este “eu” vem a fracassar, a primeira díade não funciona mais, a partilha (...) é interdita: o direito à fala e, com ele, a capacidade do sujeito para a perdição dos sentidos não são transmitidos de um protagonista ao outro; deste “eu” fracassado, nenhum apelo, nenhum anúncio é transmitido ao “tu”.

Nas diferentes cenas enunciativas, Gregor vai perdendo a reversibilidade, ou seja, não é mais reconhecido como “tu” e, portanto, perde a condição de ser “eu”, porque “para experimentar sua própria presença, para experimentar-se como sujeito, para ser um, é necessário ser dois: é mudando constantemente de posição que os interlocutores se afirmam mutuamente como presentes” (ibid., p. 55). O espaço da copresença é assegurado pela troca de “eu” em “tu” e de “tu” em “eu”.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

Diante da destituição da reversibilidade, o protagonista depara-se com um sintoma evidente da progressiva animalidade que está sofrendo, ou seja, a perda de um lugar simbólico na família. Essa recusa de reconhecimento começa a produzir a morte psíquica de Gregor.

2.2 Do olhar ao ato, a exclusão se produz: “tu” a “ele”

Quem vem a ser o “ele”? Conforme Benveniste, “ele” é o ausente da instância do discurso, é aquele que “eu” e “tu” falam em co-presença. A diferença entre a díade “eu-tu” e “ele”, Dufour oferece-nos: “enquanto as duas primeiras pessoas verbais implicam necessariamente uma pessoa física, “ele” não a requer, absolutamente: a terceira pessoa verbal é a única para a qual uma coisa pode ser predicada” (2000, p. 90).

Com a metamorfose de Gregor, ocorre um reposicionamento dos pais e da irmã na cena enunciativa. A nomeação de Gregor como “não-pessoa” culmina no término do primeiro capítulo. No segundo capítulo, a família passa a não mais se dirigir a Gregor como um “tu”, mas como um “ele”.

Em artigo de 46⁸, Benveniste observa que o “ele” pode servir de forma de alocação em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-la à esfera pessoal do “tu” ou em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija “pessoalmente” a ele (BENVENISTE, 2005, p. 254). Em *A Metamorfose*, é isso que ocorre, ou seja, o anulamento de Gregor como pessoa pela recusa a conferir-lhe lugar na enunciação. A destituição de Gregor do lugar de pessoa ocorre tanto em sua presença quanto em sua ausência.

Vejamos dois enunciados em que a fala ocorre em sua presença: “– Hoje, sim, ele gostou⁹” (p. 39); “– Deixou tudo outra vez” (p. 39).

Embora a irmã esteja se referindo a Gregor em sua presença, ela não o autoriza a se manifestar. Gregor sofre com a perda da reversibilidade com a irmã.

Observamos, agora, alguns dos poucos enunciados em que os entes familiares ainda falam de Gregor. Nestes enunciados, é possível

⁸ Estrutura das relações de pessoa no verbo em *Problemas de Lingüística Geral I*.

⁹ Todas as ênfases nas citações da obra são minhas.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

observar uma “pequena morte¹⁰” que afeta o sujeito nas suas relações com o outro, aquela que sobrevém pela nomeação por “ele” (DUFOUR, 2000, p. 149): “– Deixem-me ver Gregor, ele é meu filho infeliz! Vocês não entendem que eu preciso vê-lo?” (p. 47); “– Venha, não dá para vê-lo” (p. 49).

Ou então:

– Não é como se nós mostrássemos, retirando os móveis, que renunciemos a qualquer esperança de melhora e o abandonamos à própria sorte, sem nenhuma consideração? Creio que o melhor seria tentarmos conservar o quarto exatamente no mesmo estado em que estava antes, a fim de que Gregor, ao voltar outra vez para nós, encontre tudo como era e possa desse modo esquecer mais facilmente o que aconteceu no meio tempo (KAFKA, 2004, p. 50).

Com a perda de lugar na cena enunciativa, Gregor não é mais autorizado a expressar-se por palavras. A única fala dirigida a Gregor, após a metamorfose, ocorre quando a irmã o recrimina por ter assustado sem querer a mãe: “– Você, Gregor! – bradou a irmã com o punho erguido e olhos penetrantes” (p. 54).

Embora, neste enunciado, Gregor deixe de ser “ele” e passe a ser um “tu”, esse “tu” não é um “tu” que tem a autorização de se tornar um “eu”. É como se “eu” (Grete) dirigisse sua fala a um presente-ausente.

Com a chegada do pai, a irmã relata-lhe o fato, colocando Gregor no lugar de não-pessoa: “– Gregor escapou” (p. 55).

O pai não pronuncia nenhuma fala a Gregor, simplesmente bombardeia-o com maçãs. Aos poucos, Gregor vai deixando de ser tema de conversa (ele), os entes familiares esquecem-no, não pronunciam mais o seu nome. Gregor é condenado à ausência, não tem mais lugar na interlocução, seu drama é perceber isso e nada poder fazer.

¹⁰ Conforme nota de Dufour (2000, p. 95), essa expressão é de Freud e foi retomada por Bataille.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

2.3 Da ausência representada pelo “ele” à morte

No início do terceiro capítulo, embora não falem mais com/de Gregor, a família autoriza-o a olhar para a sala de estar: “todos os dias ao anoitecer a porta para a sala de estar (...) era aberta” (p. 59), mas isso não perdura. Com o tempo, Gregor torna-se somente um estorvo: “a maior de todas as queixas era sempre o fato de que não se podia deixar o apartamento” (p. 62). Através da intervenção do “autor-criador”¹¹, descobrimos que Gregor está sozinho, abandonado em meio à sujeira: “Grete via a sujeira exatamente como ele, mas havia decidido deixá-la” (p. 64).

A primeira a dirigir palavras, no dizer do “autor-criador”, amistosas a Gregor é a nova faxineira da casa: “venha um pouco aqui, velho bicho sujo!”; ou: “vejam só o velho bicho sujo!” (p. 65). Havia se tornado uma rotina da faxineira perturbar Gregor, até que certo dia ele resolve reagir aos seus insultos: “quando a faxineira começou de novo a usar suas expressões, Gregor ficou tão exasperado que, embora lento e débil, se voltou para ela, como que preparado para o ataque” (p. 66), mas, na sua situação, teve que recuar, pois a empregada “simplesmente ergueu para o alto uma cadeira” (p. 66).

Para equilibrar as finanças, o pai de Gregor aluga um dos quartos do apartamento a três inquilinos. Em consequência disso, tudo o que não servia era jogado no seu quarto. A partir daí, Gregor deixa de se alimentar e perde o interesse em olhar pela porta. Porém, numa certa noite, desperta-lhe um sentimento estranho: “atraído pela música, Gregor tinha ousado avançar um pouco e já estava com a cabeça dentro da sala de estar” (p. 70). O “autor-criador” questiona-se: “Era ele um animal, já que a música o comovia tanto?” (p. 71). Mas a família não pensa assim, principalmente a irmã: “– Queridos pais. (...) Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: precisamos nos livrar dele. Procuramos fazer o que é humanamente possível para tratá-lo e suportá-lo (...)” (p. 74).

Ela ainda prossegue:

¹¹ Entendido por Bakhtin como “energia ativa e formativa”, ou seja, como constitutivo do discurso, como um produto cultural de significação (2003, p. 6), isto é, aquele pelo qual o *autor* “se apresenta como sujeito que veicula o processo criador e ao mesmo tempo representa a si mesmo” (1997, p. X).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

– Precisamos nos livrar disso (...); – Isso ainda vai nos matar; não é possível suportar em casa mais esse eterno tormento (...); – É preciso que isso vá para fora (...). Se fosse Gregor, ele teria há muito tempo compreendido que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível e teria ido embora voluntariamente. (...) esse bicho nos persegue (KAFKA, 2004, p. 75-6).

Além da perda do estatuto de irmão, sempre como não-pessoa, Gregor passa a ser designado com expressões como: “esse monstro”, “isso”, “esse eterno tormento”, “esse bicho”.

Considerações finais

Na obra há três capítulos, três portas, três instâncias discursivas, três exclusões fortemente marcadas e, no final, a morte ocorre na terceira hora. Além disso, Flores (2004, p. 203) observa que o três também não é um número estranho a Benveniste, pois é “o três que resume a condição necessária e suficiente para que a língua se instaure na enunciação, qual seja, a condição de que alguém fale (eu) para outro alguém (tu) de algo (ele)”. Só para citar algumas coincidências do número três¹² aos propósitos desta análise.

No primeiro capítulo, ocorre a relação intersubjetiva mediante três portas¹³, cada personagem comunica-se com Gregor através de uma delas – a mãe, pela porta que se encontra junto à cabeceira da cama de Gregor; o pai e o gerente, por uma porta lateral – a do cômodo da esquerda; a irmã, em outra porta lateral – a do cômodo da direita. As três portas poderiam ser entendidas como representando as três entradas que a alma de Gregor tinha nos seus relacionamentos afetivos familiares, cada uma representando as relações com a irmã, a mãe e o pai. As portas da irmã e da mãe parecem exclusivas, mais

¹² Chevalier (1999: 899-902) remete ao número três quanto ao tempo, ao mundo e à existência: “o tempo é triplo: passado, presente, futuro; o mundo é triplo: terra, atmosfera, céu. (...) três fases da existência: aparecimento, evolução, destruição (ou transformação); ou nascimento, crescimento, morte.”

¹³ Gerd Heinz-Mohr destaca que “a porta sugere a idéia de passagem, do limiar entre o conhecido e o desconhecido, o aquém e além, a luz e as trevas, a privação e o tesouro. Ela se abre para o mistério; ao mesmo tempo leva psicologicamente para a ação: uma porta sempre convida a ultrapassá-la” (1994, p. 297-8).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

ninguém além delas, individualmente, usa a porta de cada uma delas – aos poucos essas portas param de serem usadas. No entanto, a porta pela qual o pai fala acaba tornando-se a única porta através da qual todo mundo passa a se relacionar com Gregor, e é também através dessa porta que se processa a coisificação/animalização do sujeito Gregor. O espaço a que a porta do pai dá acesso, também é lugar de passagem para a ante-sala, a qual, por sua vez, dá acesso à porta do apartamento, ou seja, a que mantém conexão com o mundo social no qual a família está inserida, é através da porta do apartamento que ingressam os elementos perturbadores/condicionadores da ordem interna da família.

Após a abertura de uma das portas, Gregor deixa de ser “tu” para os outros, portanto, ele é excluído da fala. À medida que passa a não-pessoa, perde a reversibilidade. Se não é reconhecido como “tu”, não pode ocupar o lugar de “eu”, pois sem “tu” não há “eu”. Fecham-se as cortinas, Gregor é expulso para o seu quarto, ou seja, perdendo a condição de pessoa, Gregor perde o lugar no espaço familiar.

No segundo capítulo, Gregor, por um tempo, passa a ser tema de conversa (ele). Esse é um dos estágios mais dramáticos vivido por ele, pois a falta de trocas dialógicas, o silêncio da família, o olhar aflito do outro, deixa-o mobilizado, sem esperanças. Isso faz com que Gregor exclua-se da visão dos outros. Além da perda do espaço simbólico na cena enunciativa, Gregor também perde seu espaço físico, seus precários móveis são retirados de sua volta. Novamente as cortinas são fechadas, e as formas de designação como não-pessoa sofrem algumas alterações.

No terceiro capítulo, Gregor, além de excluído da visão dos outros, também decide excluir sua presença do universo familiar, mas antes que isso aconteça, há o retorno da esperança, de ainda poder sentir-se humano – a música desperta isso nele. Porém, os outros já desalojaram Gregor da condição de “pessoa” (eu-tu), ou seja, já não lhe dão lugar no grupo familiar. Ele compreende isso através do olhar do outro – é o outro que lhe diz que ele é um “bicho”, é um “isso”, é uma “coisa”, não é mais Gregor, um interlocutor. É com esse nada em si mesmo, ou seja, com a negação do reconhecimento como alteridade que Gregor se encontra ao chegar à morte. O que é dramático nessas cenas não é o comprometimento da comunicação, mas a perda de lugar na enunciação, que significa perda de lugar simbólico, isto é, não-reconhecimento de sua singularidade.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------

É pelo olhar do outro que se produz, em Gregor, a imagem de um corpo (próprio) outro, alheio, estranho. Surge desse olhar o desconforto de um código incompreendido e, com isso, a suspeita de que há algo desconhecido sobre si, a que o outro já teve acesso.

O olhar do outro apresenta a Gregor sua própria imagem como repulsiva. Gregor vai gradativamente sendo lançado do lugar de sujeito ao de coisa. O que lhe resta é “a morte absoluta – o não-ser – (...) o estado de não ser ouvido, de não ser reconhecido, de não ser lembrado. Ser significa ser para um outro, e, por meio do outro, ser para si mesmo.”¹⁴

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. (2001). **O pesquisar e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora.
- BAKHTIN, Mikhail. (2003). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1997). **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BENVENISTE, Émile. (2005). **Problemas de lingüística geral I**. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1989). **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. (2005). O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de *A Metamorfose*. **Dissertação de Mestrado** orientada por Marlene Teixeira. São Leopoldo, RS: UNISINOS.
- CHEVALIER, Jean. (1999). **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 899-902.
- DUFOUR, Dany-Robert. (2000). **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FAÏTA, Daniel. (2002). Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (orgs.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez.
- FLORES, Valdir do Nascimento. (2004). Por que gosto de Benveniste? (Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua). In: FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; TEIXEIRA, M. (orgs.). Colóquio Leituras de Émile Benveniste. Revista **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 39, n. 4,

¹⁴ Bakhtin, citado por Faraco em conferência no “Congresso Internacional Linguagem e Interação e III Colóquio Nacional de Filosofia da Linguagem: Linguagem e Interação” – UNISINOS/RS, 2005.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	-------------	------	------	---------------	---------

pp. 217-230.

HEINZ MOHR, Gerd. (1994). **Dicionário de símbolos: imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulus.

KAFKA, Franz. (2004). **A Metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 77-93
------	----------------	------	------	------------------	---------